

A MISSÃO DA IGREJA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Charles Fabian Costa Fernandes

Doutor em Ministério pelo Fuller Theological Seminary (FULLER). Docente no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5588-6361>

E-mail: charlesfabian777@gmail.com

RESUMO

A igreja é chamada a causar um impacto positivo no mundo. Na metáfora de Jesus sobre o sal da terra e a luz do mundo, esse desafio fica evidente. Mas como ela pode realmente fazer diferença no mundo de modo que traga real transformação à vida das pessoas e da comunidade? A partir dos evangelhos são encontrados os fundamentos bíblicos para uma proposta de transformação comunitária alinhada com o método de Cristo. A busca pela fundamentação bíblica para nossa prática missionária é legítima, porém deve ser feita com cuidado a fim de que os textos não sejam utilizados como pretextos. Esse perigo consiste em usar as Escrituras como base para as ideias preconcebidas, atitude inadequada quando o objetivo é estabelecer uma teologia bíblica de missão que seja consistente. No presente trabalho, é realizada uma breve análise de textos que podem apontar alguns dos pontos essenciais do ministério público de Cristo, aplicados a missão da igreja como agente de transformação social.

Palavras-chave: Missão. Missiologia. Teologia.

ABSTRACT

The church is called to make a positive impact on the world. In Jesus' metaphor of the salt of the earth and the light of the world, this challenge is evident. But how can the church really make a difference in the world in a way that brings about real transformation in the lives of people and the community? The biblical foundations for a proposal for community transformation aligned with Christ's method are found in the Gospels. The search for a biblical foundation for our missionary practice is legitimate, but it must be done carefully so that the texts are not used as pretexts. This danger lies in using the Scriptures as a basis for preconceived ideas, an inappropriate attitude when the goal is to establish a consistent biblical theology of mission. This paper briefly analyzes texts that can point to some of the essential points of Christ's public ministry, applied to the mission of the church as an agent of social transformation.

Keywords: Mission. Missiology. Theology.

INTRODUÇÃO

O que a Bíblia ensina sobre missão? O termo *missão* só aparece no texto sagrado quatro vezes: duas em Josué, uma no livro de Atos e a última em 1 Timóteo. Em nenhuma delas, o sentido é o dado no meio teológico ou na Igreja. Em Josué, refere-se à missão dada aos dois espias que foram conhecer a cidade de Jericó como parte do plano para a entrada na terra de Canaã. Em Atos 13, está mais próximo do sentido teológico que a palavra carrega, em que o contexto é o retorno da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé quando eles voltaram à igreja de Antioquia. Ali é dito que eles tinham terminado o serviço para o qual haviam sido incumbidos. Porém, o termo grego utilizado é *diakonia*, que, portanto, deveria ser traduzido como serviço, e não missão. A última referência à palavra *missão* está na primeira carta de Paulo a Timóteo, e diz respeito à exortação do apóstolo a Timóteo para que orientasse as mulheres mais jovens a viverem de maneira discreta, evitando uma vida irresponsável e maledicente; deveriam casar-se e cumprir sua “missão de mãe”. Acontece que a expressão em grego é *teknogonia*, que significa simplesmente “o ato de ter filhos”.

Dessa forma, não existe uma correspondência direta entre o termo *missão*, conforme aparece na Bíblia, e o sentido teológico que ele carrega entre os eruditos e a igreja. Em outras palavras, não seria possível desenvolver um sermão sobre missão buscando apoio bíblico nas poucas referências onde a palavra aparece. Na verdade, isso ocorre porque o termo que dá ampla sustentação a uma teologia bíblica da missão é outro: *enviar*. Diferentemente de *missão*, o verbo enviar ocorre 31 vezes na Bíblia, e é com base nele que se fundamenta o sentido de missão. Isso porque *missão* vem do latim *missione*, que quer dizer “envio”.

Portanto, para o desenvolvimento de uma teologia bíblica da missão é preciso fazer um estudo sobre os termos *envio* e *enviar* em relação a Deus e ao povo de Deus. Em sua obra *A missão de Deus*, Christopher J. H. Wright apresenta um vigoroso trabalho sobre a validade e consistência de uma hermenêutica missional para o estudo da Bíblia. Já no segundo livro, *A missão do povo de Deus*, ele apresenta o modo como a Igreja deve cumprir seu papel na missão de Deus. Falando a respeito do sentido básico do termo *missão*, Wright (2012, p. 19) afirma:

O que vem à nossa mente quando vemos ou ouvimos o termo “missão?” Talvez estejamos mais habituados com “missões”, o que geralmente traz à mente toda a obra missionária transcultural das igrejas que conhecemos. Pensamos em associações missionárias, em missões de evangelização e plantação de igrejas, nos missionários com carreiras de longo prazo ou em missões de curto prazo e nas sedes mundiais de agências e indivíduos, como o Movimento de Lausanne.

Todas essas imagens têm em comum a noção de enviar e ser enviado. Este sentido, é claro, está na raiz da própria palavra latina *missione* e é muito apropriado, além de ser bíblico. Não há dúvida de que a Bíblia mostra Deus enviando muitas pessoas para uma missão de Deus [...] Entretanto, reconhecer que a missão tem em seu âmago um sentido de enviar e de ser enviado apenas levanta outra questão: enviados para quê? A Bíblia nos diz que Deus, de fato, enviou muitas pessoas. Mas a variedade de coisas para as quais as pessoas foram enviadas é surpreendentemente ampla.

Na Bíblia encontramos vários exemplos de pessoas enviadas por Deus: José foi enviado para salvar muita gente da fome (Gn 45:7); Moisés foi enviado para libertar o povo de Israel (Êx 3:10); Elias foi enviado para ungir novos líderes de Israel e Síria e também o seu sucessor; Jeremias foi enviado para pregar uma mensagem impopular (Jr 1:7); Jesus foi enviado para cumprir sua missão (Lc 4:16-19); os discípulos foram enviados para anunciar o evangelho às ovelhas perdidas de Israel e posteriormente para fazer discípulos de todas as nações (Mt 28:18-20); Paulo e Barnabé foram enviados para aliviar a fome dos crentes da Judeia (At 11:27-30) e também para evangelizar os gentios na região do Mediterrâneo (At 13:1-3); Tito foi enviado para administrar as ofertas das igrejas gentílicas com honestidade e transparência (2Co 8:16-24); Apolo foi enviado para ensinar a palavra de Deus em Corinto (At 18:27-28); e, finalmente, um significativo número de evangelistas itinerantes foram enviados para pregar o evangelho (3Jo 5-8).

A imensa variedade de ações às quais Deus envia seu povo significa que a missão tem um caráter muito abrangente e que sua realização pode assumir diversos formatos para atingir objetivos específicos. Para Wright (2012, p. 30), essa percepção implica o reconhecimento de que a missão é multifacetada.

Portanto, mesmo que concordemos em que o conceito de enviar e o de ser enviado estejam no cerne da missão, existe uma vasta gama de atividades mencionadas na Bíblia, às quais o povo pode ser enviado por Deus para fazer, inclusive o alívio da fome, ações de justiça, pregação, evangelismo, ensino, cura e administração; no entanto, quando usamos as palavras “missões” e “missionários”, temos a tendência de pensar principalmente em termos de atividade evangelística. O que nossa teologia bíblica tem a dizer sobre isto?

A busca pela fundamentação bíblica para nossa prática missionária é legítima, porém deve ser feita com cuidado a fim de que os textos não sejam utilizados como pretextos. Esse perigo consiste em usar as Escrituras como base para as ideias preconcebidas, atitude inadequada quando o objetivo é estabelecer uma teologia bíblica de missão que seja consistente. Sobre esse aspecto, declara Wright (2012, p. 34):

A Bíblia dessa forma acaba sendo transformada em uma mina da qual extraímos nossas pedras preciosas – os ‘textos missionários’. Ainda que esses textos sejam cintilantes, fazer com eles um mero colar não pode ser considerado uma hermenêutica

missiológica integral da Bíblia. Esse tipo de abordagem sem sequer apresenta uma fundamentação da missão que se baseia na Bíblia com um todo.

Sobre essa metodologia, David Bosch (citado por WRIGHT, 2012, p. 35) afirma que o caminho para construir uma teologia bíblica sólida não é o agrupamento de textos isolados, “mas antes a sua relação com a essência da mensagem das Escrituras”. Isso significa uma decisão de “submeter todas as nossas estratégias, planos e operações missionárias à crítica e avaliação da Bíblia”. Nesse ponto, as palavras de John Stott sobre o compromisso do pregador com a mensagem das Escrituras se aplicam igualmente aqui, no processo de estabelecer uma teologia bíblica da missão: “Que a Bíblia diga o que ela tem para dizer e não o que gostaria que ela dissesse” (STOTT, 2003, p. 111). Com tal compromisso, há condições de apresentação não de uma teologia da missão definitiva e irretocável, mas de uma teologia da missão que tenha o peso da verdade revelada, pois, como disse Alexander Solzhenitsyn (citado por STOTT, 2003, p. 111): “Uma palavra da verdade pesa mais do que o mundo inteiro”.

1 INTERPRETAÇÃO DA TEOLOGIA DA MISSÃO: PONTOS FUNDAMENTAIS

A seguir estão alguns pontos fundamentais da minha interpretação da teologia da missão.

1.1 A MISSÃO É DE DEUS

A missão deriva da natureza do próprio Deus. Karl Barth tornou-se um dos primeiros teólogos a articular esse novo paradigma que ficou conhecido como *missio Dei*. A influência dele foi crucial para a consolidação de tal abordagem cujo auge se deu na conferência do CoMin ocorrida em Willingen no ano de 1952. A compreensão da *missio Dei* coloca a missão “no contexto da doutrina da Trindade, não da eclesiologia nem da soteriologia” (BOSCH, 2002, p. 467). Segundo essa perspectiva, Deus, o Pai, enviou o Filho, e Deus, o Pai, e o Filho enviaram o Espírito Santo; por último, o Pai, o Filho e o Espírito Santo enviaram a Igreja para dentro do mundo. “A *missio Dei* é a atividade de Deus, a qual abarca tanto a igreja quanto o mundo e na qual a igreja tem o privilégio de participar” (BOSCH, 2002, p. 469).

Embora ao longo da história tenham ocorrido alguns desdobramentos distorcidos – como a ideia de que a missão se referia apenas ao envolvimento de Deus com o processo histórico como um todo, e não “a qualquer trabalho específico da igreja” –, o conceito da *missio*

Dei comunica uma verdade bíblica fundamental: Deus está atuando no mundo e cumprindo Seu propósito salvífico de maneira que inclui a Igreja como sua principal agência missionária, mas não se limita a ela. Ele atua de formas que vão além do escopo da igreja, pois é livre e soberano. Somos convidados a participar da missão como representantes do Seu reino, testemunhando por meio palavras e atos o poder do evangelho para a salvação de todo aquele que crê.

David Bosch (2002, p. 470) resume de maneira apropriada a importância de *missio Dei*, considerando a visão estreita e eclesiocêntrica da missão em séculos anteriores.

Não é possível negar que a noção da *missio Dei* tenha ajudado a articular a convicção de que nem a igreja nem qualquer outro agente humano pode, alguma vez, ser considerado o autor ou o portador da missão. Ela é primordialmente e em última análise, a obra do Deus Triúno, Criador, Redentor e Santificador por amor ao mundo, um ministério do qual a igreja tem o privilégio de participar. A missão possui sua origem no coração de Deus. Deus é uma fonte de amor que envia. Esse é o manancial mais profundo da missão. É impossível penetrar mais fundo; existe missão porque Deus ama as pessoas. Reconhecer que a missão é de Deus representa um avanço crucial em relação aos séculos precedentes. É inconcebível que pudéssemos voltar de novo a uma concepção estreita e eclesiocêntrica de missão.

1.2 A MISSÃO É INTEGRAL

A Bíblia apresenta uma visão holística do ser humano pela qual as dimensões físicas, mentais, sociais e espirituais são indissociáveis (1Ts 5:23; Rm 12:1-3; Lc 2:52). Não há apoio nas Escrituras para falsas dicotomias, pois a salvação deve alcançar a pessoa por inteiro. É necessário vê-la como um todo, em todas as suas dimensões e contingências. Com esses pressupostos, o conceito de missão integral surgiu como uma reação ao Movimento de Crescimento de Igreja e à teologia da libertação, primeiro na América Latina e posteriormente em outras partes do mundo (PIRAGINE JUNIOR, 2006, p. 31). O foco principal do Movimento de Crescimento de Igreja era o aumento numérico dos membros e o plantio de novas igrejas, ao passo que a teologia da libertação, de orientação marxista, tinha como visão principal o posicionamento incondicional a favor dos pobres e daqueles que sofriam algum tipo de injustiça. Seu axioma mais conhecido era “a opção preferencial pelos pobres”. “O importante é o estado da pessoa no contexto da luta de classes: se opressora ou oprimida” (PIRAGINE JUNIOR, 2006, p. 27).

Outro fator importante para o surgimento do movimento da missão integral foi o Congresso de Lausanne, na Suíça, em 1974. Ali foi feito o conhecido Pacto de Lausanne, que estabeleceu alguns parâmetros para o desenvolvimento de uma ação missionária integral.

Inspirado nas resoluções de Lausanne, o movimento da missão integral afirmou seu compromisso com a responsabilidade social e política como parte integrante da missão da Igreja (SEGURA C., 2011, p. 25).

Orlando Costas foi um dos principais teólogos a contribuir para o fortalecimento da missão integral. Sua visão a respeito desse tema expressa a natureza multidimensional do crescimento da igreja:

Se o crescimento da igreja é um processo multidimensional, se a igreja é uma realidade dinâmica e complexa e se cresce como criação divina e comunidade de fé, então se faz necessário estabelecer uma teoria integral de seu crescimento. Portanto, propomos a seguinte definição: “O crescimento da igreja é um processo de expansão integral e normal que se pode e se deve esperar da vida e missão da igreja como comunidade do Espírito, Corpo de Cristo e povo de Deus” (COSTAS, citado por PIRAGINE JUNIOR, 2006, p. 32).

Outro conhecido teólogo latino-americano que deu uma importante contribuição à teologia da missão integral é René Padilla, um dos fundadores da Fraternidade Teológica Latino-Americana, que teve início em 1970. Ele também esteve presente no Congresso de Lausanne e ali expôs sua visão a respeito da missão. O teólogo faz a seguinte observação: “[...] a igreja é chamada a uma missão integral, ou seja, uma missão que inclui tanto evangelização como serviço social e a ação social” (PADILLA, 2009, p. 100).

O caráter universal do pecado, bem como seu efeito destruidor sobre todas as dimensões da natureza humana, torna necessária uma compreensão radical da salvação oferecida por Jesus Cristo. A esse respeito, Costas (2005, p. 26) observa:

Porque o pecado é um problema universal, sua erradicação deve ser radical. É impossível falar de uma salvação puramente pessoal, porque isso deixaria o pecado social intacto. Não é possível falar exclusivamente da salvação social, porque isso deixaria intocável a raiz pessoal do pecado. Salvação, para ser verdadeiramente eficaz, deve ser a salvação da alma do corpo, do indivíduo e da sociedade, da humanidade e de “toda a criação que junta suporta dores de parto”.

Uma das principais consequências de aceitar o caráter holístico da salvação é ampliar o escopo da missão da Igreja para além dos limites tradicionais. Isso significa que ela não terá como alvo apenas “a salvação de almas”, mas o atendimento às necessidades sentidas das pessoas, sejam físicas, emocionais, sociais e espirituais. Sobre isso, Bosch (2002, p. 479) declara:

A salvação é tão coerente, ampla e profunda quanto o são as necessidades e as exigências da existência humana. Missão significa, por conseguinte, estar envolvido no diálogo contínuo entre Deus, que oferece a salvação, e o mundo, que – enredado por toda espécie de mal – anela por essa salvação.

1.3 A MISSÃO É LIBERTADORA

Embora o conceito da missão integral traga de modo implícito a ideia de libertação, se faz necessária aqui uma consideração mais detalhada. A característica libertadora da missão deriva da natureza abrangente da redenção divina, e para uma compreensão mais exata desse ponto, a história do Êxodo tem sido considerada por muitos teólogos paradigmática para entender melhor o conceito de redenção na Bíblia. O Êxodo tem sido aceito como um dos principais modelos para compreender o significado da cruz de Cristo (WRIGHT, 2014, p. 275). Na libertação de Israel do cativeiro egípcio, esse autor afirma que é preciso explorar a natureza do jugo sob o qual Israel estava, os motivos que levaram YHWH a libertá-lo e a nova realidade à qual a redenção conduz (WRIGHT, 2014, p. 275).

Dessa forma podem ser vistas as seguintes dimensões da redenção operada por Deus em favor de Seu povo:

- 1) Dimensão política – Deus agiu para libertar os israelitas da injustiça política em que se encontravam para colocá-los numa condição de nação autônoma.
- 2) Dimensão econômica – Deus livrou os israelitas do trabalho escravo o qual era uma forma brutal de exploração econômica utilizada para sustentar a agricultura e os projetos de construção do Egito.
- 3) Dimensão social – Por meio do genocídio patrocinado pelo Estado, os bebês israelitas do sexo masculino foram assassinados. Essa foi uma “violação intolerável dos direitos humanos fundamentais e uma interferência agressiva na vida familiar” (WRIGHT, 2014, p. 279). Deus, contudo, no momento de realizar a obra redentora, saiu em defesa do seu povo por meio das pragas derramadas sobre o Egito, e na praga final, houve a morte dos primogênitos egípcios. Deus fez com que os opressores sentissem uma dor semelhante à que no passado eles infligiram a Israel por meio do massacre dos bebês hebreus. Naquela mesma noite, Ele poupou os primogênitos de Israel enquanto realizavam a cerimônia da páscoa. “A Páscoa é um lembrete perpétuo aos israelitas dos aspectos social e familiar da redenção divina e do valioso livramento de tão demente mal” (WRIGHT, 2014, p. 279).
- 4) Dimensão espiritual – A escravidão de Israel no Egito impedia que o povo adorasse a Deus de modo pleno. Ao enviar Moisés e Arão para pedir que Faraó deixasse Seu povo ir, Ele queria não apenas a libertação dos escravos, mas a restituição dos Seus

adoradores. Outro elemento que indica o caráter espiritual da libertação é visto na desmoralização que o Deus de Israel impôs aos deuses egípcios por meio das dez pragas, pois todas as pragas foram dirigidas a

aspectos do que os egípcios consideravam como poder divino – especialmente a primeira (o ataque ao Nilo) e última (a escuridão que cobre o próprio Sol). O Nilo e o Sol estavam entre as principais divindades egípcias. YHWH, no entanto, demonstra a sua devastadora soberania sobre ambos [...]. A dimensão espiritual do Êxodo, então, é que Deus deixa claro que o seu propósito com o processo todo é que ele conduza os israelitas a *conhecer, servir, e adorar* o Deus vivo. A implicação é que seria difícil, ou mesmo impossível concretizar esses três aspectos enquanto estivessem sob o jugo de faraó (WRIGHT, 2014, p. 281, grifo nosso).

De acordo com esse autor, “o Êxodo de Israel é, em outras palavras, uma das lentes básicas através das quais enxergamos a missão de Deus” (WRIGHT, 2014, p. 285). Isso nos leva a pensar sobre a seguinte questão: o Êxodo modela pela primeira vez o formato da redenção divina, e uma vez que o propósito redentor de Deus está no cerne da missão, surge uma pergunta sobre o tipo de missão que Deus nos convida a participar juntamente com Ele. Para Wright (2014, p. 286, grifo nosso), “a resposta inevitável é que *a redenção moldada pelo Êxodo exige uma missão moldada pelo Êxodo*. E isso significa que o nosso compromisso com a missão precisa demonstrar a mesma preocupação abrangente para com as necessidades humanas que Deus demonstrou no que fez por Israel”.

Nossa missão deve se moldar pela missão de Deus, e no Êxodo temos uma demonstração inequívoca do modo como Ele realiza Sua própria missão. Não se trata de um evento pontual, mas da forma de Deus agir para cumprir Seus propósitos para a humanidade em todas as épocas e lugares. Acontece que, diante desse quadro de referência teológica, há sempre a tendência de se espiritualizar a narrativa, passando por alto pelos aspectos políticos, econômicos e sociais da história, ou de se politizá-la, concentrando-se demasiadamente nas dimensões políticas, sociais e econômicas. O problema com tal postura é o reducionismo hermenêutico que assume uma visão unilateral que “resulta numa posição missiológica desequilibrada e não plenamente bíblica” (WRIGHT, 2014, p. 286).

1.4 A MISSÃO BUSCA POR JUSTIÇA SOCIAL

Segundo ressalta Bosch (2002, p. 480), “a relação entre as dimensões evangelística e social da missão cristã constitui uma das áreas mais difíceis da teologia e da prática da missão”. Em várias partes da Bíblia encontramos um apelo por justiça (Is 58:6-10; Am 6:23-24; Mq 6:8;

Tg 5:1-6; 1Jo 3:17-18), por isso não há dúvida quanto à centralidade da justiça social na tradição profética do Antigo Testamento (BOSCH, 2002, p. 480). Para uma interpretação equilibrada da missão, é necessário reconhecer que a responsabilidade social da Igreja implica a busca por justiça, seja no ambiente doméstico, seja na comunidade dos crentes, seja na sociedade civil. Isso toca numa área muito delicada, pois desafia os cristãos a confrontarem os poderes opressores do mundo; contudo, o desempenho da missão requer coragem e discernimento para combater as mais diversas formas de injustiça. Os profetas Isaías e Amós desempenharam tal ministério de enfrentamento, falando contra as injustiças praticadas em Israel; ali, os grupos mais vulneráveis eram os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros.

Esse desafio é também lançado aos cristãos de hoje, os quais são chamados a saírem da zona de conforto de suas comunidades religiosas e se envolver com as questões sociais que afetam vários grupos de pessoas. Contudo, muitos questionam a base bíblica para a confrontação dos poderes políticos e econômicos, uma vez que não veem uma atitude semelhante por parte da igreja primitiva. Explicando a aparente ausência de engajamento da igreja primitiva na busca por justiça, Bosch (2002, p. 480) observa:

A igreja primitiva não desenvolveu uma ação política como uma forma de lutar por justiça. A razão é que o contexto sociopolítico no qual os primeiros cristãos estavam era bem diferente do contexto do Antigo Testamento onde profetas como Amós, Isaías e Jeremias podiam confrontar os reis de Israel e de Judá em situações de injustiça social que eram claramente reconhecidas. Nesse sentido, a igreja não pôde fazer um papel semelhante, pois, diferentemente dos reis de Israel e de Judá, as autoridades romanas não tinham uma fé compartilhada com os primeiros cristãos. Isto contudo não significa que a igreja não tenha exercido uma forte influência em questões sociais e políticas ao longo da história. Durante o período de Constantino até o início da era moderna, a igreja exerceu tal influência na sociedade que “os âmbitos da religião e da política eram, de alguma forma, mantido juntos”.

Portanto, estes são os quatro pontos essenciais da minha interpretação da teologia da missão: (i) uma missão que nasce no coração de Deus, definida e conduzida por Ele, na qual temos o privilégio de participar; (ii) uma missão integral que não se aliena de nenhum dos aspectos da vida humana, antes reconhece-os e valoriza-os de maneira holística de acordo com o evangelho eterno de Jesus Cristo; (iii) uma missão libertadora que busca pelo poder de Deus romper com todo tipo de opressão sobre a vida das pessoas; e (iv) uma missão que busca combater a injustiça em todas as suas formas, assumindo um papel profético tanto no ambiente da Igreja quanto na esfera pública. Assim, creio que a Igreja poderá ser fiel ao mandato recebido por Deus de modo equilibrado em um mundo carente de transformação.

2 IGREJA COMO AGENTE MISSIONAL NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

A reflexão sobre o papel da Igreja como agente missional no contexto latino-americano deve levar em conta alguns pontos fundamentais da história do continente, começando com o longo período da colonização europeia e chegando até a conjuntura atual marcada pela globalização e a pós-modernidade. A fim de compreendermos adequadamente esse cenário, é preciso entender alguns fatos históricos que contribuíram para a situação atual. A esse respeito, Orlando Costas (2005, p. 33, grifo nosso) afirma:

Eu devo buscar explorar o que o pecado e salvação significam na realidade latino-americana [...]. Este não é apenas o lugar onde nós devemos proclamar a mensagem, mas também a situação a partir da qual devemos compreendê-la. Como apareceu o pecado e a salvação *historicamente* na América Latina?

A resposta de Costas a essa pergunta se constitui de algumas observações que são historicamente verificáveis, conforme veremos a seguir.

2.1 UM CONTINENTE NASCIDO EM PECADO, MAS SATURADO COM A MENSAGEM DE SALVAÇÃO

A chamada América Latina começou não com os povos pré-colombianos, pois estes não nominavam sua terra América, muito menos latina. Tinham suas próprias guerras, mas não conheciam a dor e o sofrimento perpetrados pelos invasores espanhóis e portugueses.

Desde o seu nascimento, a América Latina se tornou um lugar para ser explorado pelos países dominadores – a princípio, Espanha e Portugal, e, mais tarde, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Nessa condição, isso ocorreu durante séculos tanto por governos nacionais corruptos quanto por políticas econômicas dos países do chamado “primeiro mundo”. A partir dessa realidade histórica e contemporânea, muitos problemas de ordem social permeiam a vida na América Latina. Pobreza, miséria, desemprego, violência, drogas e promiscuidade alcançam níveis assustadores; tudo isso tem como causa a corrupção do coração humano que vive em rebelião contra Deus. Porém, como diz Costas (2005, p. 35):

Esta profunda e indisputável realidade não obscurece ou substitui o pecado social; pelo contrário, ela encontra expressão naquela situação. Para compreender o coração dos latino-americanos, deve-se observar o todo de suas ações e sofrimentos. Há uma inseparável relação entre realidade pessoal e situação social; ambas têm sido distorcidas e corrompidas pelo pecado.

Outra característica observável no contexto latino-americano é o fato de ser um continente saturado com a mensagem de salvação. A ironia é que tal mensagem chegou ao povo de modo ambivalente, com uma cruz e uma espada. Os mesmos que se apresentaram como mensageiros de Jesus massacraram os povos indígenas e a população africana sequestrada da sua terra natal. A chegada dos conquistadores foi marcada pela violência e pela imposição de uma cultura que se julgava superior a outra em todos os aspectos. Não houve respeito nem desejo de ouvir o que aqueles povos pensavam sobre Deus e sobre a vida. O sentimento de superioridade os levou a questionar se esses povos indígenas teriam alma para ser salva. A mensagem do evangelho não pareceu ser, de fato, boas novas.

Costas (2005, p. 35) afirma que isso causou entre os negros e os povos indígenas uma reação que fez surgirem e crescerem alguns movimentos religiosos sincréticos como forma de “protesto enérgico contra uma evangelização alienante e opressiva”. Aconteceu algo parecido entre os protestantes, em que um ramo nativo buscou uma expressão religiosa mais alinhada com sua cultura e com seus valores, o que é considerado por muitos uma das causas para o crescimento do movimento pentecostal na região.

Assim, pode ser dito que o contexto latino-americano apresenta uma realidade marcada pelo pecado pessoal e social e ao mesmo tempo saturada com mensagem da salvação, a qual foi apresentada de modo brutalmente incoerente.

2.2 UM CONTINENTE CRISTÃO, MAS CORROMPIDO PELA IDOLATRIA

Na percepção de Costas (2005, p. 35), “a América Latina é [...] um continente formado (e deformado) pelo cristianismo”. Essa deformação apontada pelo autor significa um tipo de idolatria mais profunda e nefasta do que a comumente relacionada com as imagens de escultura. Trata-se dos ídolos da injustiça social e econômica, assim como as estruturas políticas corruptas. O continente latino-americano viveu um período marcado por muitas ditaduras, situação que mudou significativamente no final da década de 1980 na maioria dos países sul-americanos. Por causa desse quadro de superficialidade e incoerência escandalosas, Costas (2005, p. 36) fez uma crítica cortante sobre o cristianismo latino-americano.

O aspecto mais irônico das sociedades latino-americanas é que quanto mais religiosos eles se sentem, mas eles negam a Deus. Como alguém pode explicar o fato de que praticamente todos os ditadores latino-americanos professam ser cristãos, defendendo a causa cristã? Como alguém pode explicar a injustiça econômica de um continente rico em recursos naturais que reivindica seguir o Senhor que era

identificado com os pobres e os despossuídos da terra em seu nascimento, em sua vida, em seu ministério, e em sua morte? Como explicar a tortura, aprisionamento sem julgamento, e perseguição em vários países onde muito foi dito e está sendo dito sobre o evangelho do amor? É a América Latina menos idólatra do que aqueles continentes nos quais deuses de gesso e madeira são adorados? É a América Latina menos pagã do que os continentes mais pagãos da terra? Tem ela menos ateus do que as sociedades mais secularizadas da Europa Ocidental e Oriental, América do Norte ou Ásia? Não!

Quanto da realidade descrita acima mudou nos últimos 40 anos? A resposta é: muito e pouco. Por um lado, alguns aspectos da geopolítica regional se modificaram radicalmente, com o fim das ditaduras em quase toda a região. A subida de governos de esquerda ao poder é um exemplo, com destaque para o Brasil, que elegeu Luís Inácio Lula da Silva como o primeiro presidente vindo das classes mais baixas, líder sindicalista e fundador do Partido dos Trabalhadores. Outros países do bloco também escolheram presidentes de esquerda: Argentina, Peru, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai. A consolidação de regimes democráticos na maioria deles foi talvez a maior mudança desde a década de 1980. Atualmente, a Venezuela é destaque no noticiário internacional por viver uma profunda crise política e econômica sob o governo de Maduro, herdeiro do chavismo.

O fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e o avanço da globalização com seus efeitos sobre a economia mundial, juntamente com a revolução digital, criaram um novo cenário com desafios nem sequer imaginados 40 anos atrás. Além disso, a pós-modernidade reconfigurou o modo como as pessoas se relacionam consigo mesmas, mudando de um modelo mais concreto e rígido para outro, mais líquido e mais flexível. Como declarou Bauman, muitas pessoas substituíram os laços humanos pelas redes sociais, e isso trouxe profundas implicações também para o modo como as pessoas olham para o sagrado. O que vale atualmente para muitos indivíduos não é mais a busca da verdade, mas do alívio (BAUMAN, 2021).

Todas essas mudanças estão fortemente presentes no cenário latino-americano, diferindo apenas em graus de assimilação conforme a faixa etária e o grupo socioeconômico. Isso faz com que tenhamos vários contextos dentro de um contexto maior. Cada vez mais o ambiente no qual a Igreja terá que atuar como agente missional será culturalmente diversificado e em constante revisão de valores éticos, morais, políticos, filosóficos e espirituais. Assim, cumprir esse papel torna-se um enorme desafio de modo a ser um convincente sinal do reino de Deus aqui na Terra.

A forma como a Igreja atua no contexto latino-americano deve ser derivada de uma eclesiologia bíblica e ao mesmo tempo relevante para a época atual. Nesse sentido, é necessária uma constante reflexão teológica, realizada de maneira comunitária, ouvindo as pessoas ao

redor e buscando avaliar criticamente a *práxis* à luz das Escrituras e da resposta da comunidade onde a Igreja está inserida.

O teólogo Moltmann afirmou que um dos impulsos mais vigorosos para a renovação do conceito teológico de Igreja vem da teologia da missão (BOSCH, 2002, p. 443). Em 1952, uma reunião em Willingen com líderes e teólogos de muitas partes do mundo marcou uma mudança na ênfase com respeito à Igreja e à missão. Um novo modelo foi proposto, no qual a Igreja não poderia ser nem o ponto de partida nem o alvo da missão. “Não se deveria subordinar a missão à igreja e, tampouco, a igreja à missão; pelo contrário, ambas deveriam ser inseridas na *missio Dei*, que se tornou então o conceito abrangente. A *missio Dei* institui as *missio ecclesiae*. A igreja passa de remetente a remetida” (BOSCH, 2002, p. 444).

Conforme aprendi durante o segundo ano do programa do doutorado, há pelo menos três tipos de igrejas quando o assunto é missão: 1) a igreja na cidade; 2) a igreja para a cidade; e 3) a igreja com a cidade. A igreja na cidade tem apenas um endereço ali, mas não é relevante onde está estabelecida. Por sua vez, a igreja para a cidade é aquela assistencialista, que procura minimizar as necessidades das pessoas mais carentes, mas não estabelece parcerias nem ouve a comunidade que, provavelmente, também já está promovendo ações que contribuem para a prosperidade da cidade. Por causa disso, muitas vezes esse tipo de igreja é visto com alguma desconfiança e mesmo rejeição por assumir uma postura de superioridade e exclusividade. Muitas vezes as obras de assistência social dela se transformam apenas em uma isca com vistas a “ganhar almas” para Cristo. As ações de compaixão tornam-se meios para alcançar certos fins. Esses dois tipos de igreja apresentam sérias limitações: uma é alienada da sociedade, por isso vive uma religião irrelevante; e a outra assume a posição paternalista e arrogante de considerar que é única capaz de ajudar e não ser ajudada.

Finalmente, o terceiro tipo busca ser uma igreja com a cidade, reconhecendo que na comunidade há muitos talentos que devem ser aproveitados em iniciativas que visam à transformação e ao desenvolvimento das comunidades. A fim de alcançar esses objetivos, é preciso primeiramente conhecer a comunidade, fazendo uma “exegese” do contexto particular. Esse tipo de leitura sociológica deve contar com o auxílio das ciências sociais, que oferecem ferramentas e recursos mais qualificados para uma análise adequada. A igreja que verdadeiramente está preocupada em levar a mensagem do reino de Deus deve construir pontes com todas as pessoas, buscando em cada lugar os “filhos da paz”. Procurar ouvir os que são de fora, construir parcerias, participar de ações em que a comunidade já esteja desenvolvendo projetos para o bem comum e oferecer seus recursos e talentos a fim de fortalecer esses

projetos, tudo isso constitui parte do papel da igreja como agente missional. Tal postura significa que ela desenvolverá uma cultura marcada por cooperação, diálogo e interdependência entre seus membros e as pessoas da comunidade.

3 VISÃO MISSIONAL PESSOAL DA IGREJA – UMA ECLESIOLOGIA CRÍTICA

Em relação à minha visão missional da igreja, posso afirmar os seguintes pontos:

1. A Igreja é o corpo de Cristo, o santuário do Espírito e o povo de Deus.
2. A Igreja recebeu a missão de pregar o evangelho, fazendo discípulos de todas as nações.
3. A Igreja é essencialmente missionária.
4. A Igreja foi chamada tanto para evangelizar os perdidos como para edificar santos.
5. A Igreja não tem uma missão, mas a missão tem uma igreja;
6. A missão da Igreja é ser sal da terra e luz do mundo, e isso significa que ela deve causar um impacto positivo no mundo.
7. A Igreja não é o reino de Deus, mas um sinal dele, o qual deve ser o mais poderoso e convincente.
8. A Igreja tem uma missão integral, o que significa trabalhar pela transformação holística do ser humano em suas dimensões física, mental, espiritual e social.
9. A missão da Igreja envolve atuar na esfera pública, e isso faz parte do mandato cultural que recebeu de Deus.
10. A atuação da Igreja na esfera pública exige discernimento para saber quais são os limites de seu engajamento nesse setor.
11. A Igreja deve servir ao Estado de maneira construtiva e cuidadosa visando ao bem comum.
12. A Igreja deve orar pelo governo.
13. A Igreja deve procurar o bem da cidade.
14. A Igreja deve confrontar a esfera pública quando necessário.
15. A Igreja deve reconhecer os recursos e valores presentes na comunidade.

São muitas as imagens que as Escrituras apresentam sobre a igreja: povo de Deus, corpo de Cristo, santuário do Espírito, família de Deus, noiva de Cristo, casa de Deus, rebanho de Deus etc. O termo *igreja* é a tradução de *eklesia*, que significa “assembleia”, uma referência à reunião constituída por cidadãos de uma cidade ou vila. Seus membros eram convocados em

certas ocasiões para decidir assuntos de guerra, política e outros. Portanto, o uso comum desse termo significa um grupo de pessoas devidamente convocadas para estar em uma reunião, contudo assume um sentido mais peculiar quando aplicado por Jesus: diz respeito ao grupo de pessoas que têm em comum a fé no Filho de Deus. Jesus declarou que Ele edificaria a Sua igreja e que as portas do inferno não conseguiriam vencê-la. Em outra parte, mencionou a igreja, dessa vez no contexto da disciplina de um membro da comunidade de Seus seguidores. Falando sobre o procedimento a ser tomado, Ele ordenou que o caso deveria ser levado à igreja quando o ofensor rejeitasse ouvir os primeiros a tentar convencê-lo do seu erro. Finalmente, se ele recusasse ouvir a igreja (*eklesia*), deveria ser considerado um gentio e publicano, ou seja, estaria fora da comunidade.

Apesar de Cristo ter utilizado poucas vezes o termo *igreja*, esse conceito está presente em muitos dos seus ensinamentos e discursos. Ele falou sobre o rebanho das ovelhas. Mencionou também Sua família, que era constituída de todos os que obedecessem à Palavra de Deus. Também referiu-se a Seus verdadeiros seguidores de maneira coletiva em contraste com os falsos seguidores: o trigo e o joio; as virgens prudentes e as virgens loucas; as ovelhas e os bodes; os convidados com a veste nupcial; e os ramos da videira.

Finalmente, Jesus considerou Seus discípulos uma comunidade tão preciosa que Ele rogou a Deus por eles. Pediu que fossem protegidos do mal, santificados na verdade, aperfeiçoados na unidade e habitados pelo amor de Deus e por Ele mesmo. Nessa ocasião, também orou pelos futuros membros que aumentariam essa comunidade que era a Sua igreja. Após Sua ressurreição, comissionou a igreja a fazer discípulos de todas as nações, tornando-os membros dela mediante o batismo e fortalecendo-os por meio do ensino constante de todas as coisas que Ele havia dito.

Tudo isso demonstra que a igreja não foi uma invenção tardia dos apóstolos, mas o que Jesus sempre teve em mente. Na verdade, se considerarmos que uma das definições para o termo *igreja* é “povo de Deus”, fica claro que Deus sempre teve Seu povo, desde o Éden, pois ali Deus criou Adão e Eva como nossos primeiros pais, criados à imagem e semelhança dEle. O propósito original de Deus era povoar toda a Terra a partir do primeiro casal, mas devido à queda os seres humanos não mais podiam ter comunhão face a face com Deus. Estavam separados do Criador, condenados à morte eterna.

Porém, Deus, por causa de Seu grande amor e misericórdia, pôs em ação Seu plano de redenção que foi revelado ao primeiro casal tão logo ele caiu. Deus afirmou que, apesar das consequências inevitáveis da queda, colocaria inimizade entre a serpente e a mulher, e o

descendente desta viria para esmagar a cabeça da serpente (Satanás). Aqui foi anunciado o Proto-Evangelho, uma mensagem de esperança baseada na graça salvadora de Deus. Com essa esperança, o casal saiu do jardim do Éden, crendo que um dia viria o Redentor para resgatá-lo do pecado e da morte. Desde então, sempre houve um povo que acreditou nessa promessa. O plano da redenção foi tipificado por meio dos sacrifícios de animais que representava Cristo, o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Pela fé, Abel ofereceu sua oferta que simbolizava Cristo, e assim foi com Enoque, Noé e sua família, até chegar a Abraão, escolhido para ser o pai de uma grande nação, o povo de Deus. Aqui encontramos a igreja na época dos patriarcas, que assume a forma de uma nação santa, povo escolhido de Deus, um reino de sacerdotes. Deus sempre teve um povo, e este recebeu uma missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja é chamada a causar um impacto positivo no mundo. Na metáfora de Jesus sobre o sal da terra e a luz do mundo, esse desafio fica evidente. Mas como ela pode realmente fazer diferença no mundo de modo que traga real transformação à vida das pessoas e da comunidade?

A Bíblia apresenta a missão da igreja como tendo alguns propósitos que se sobrepõem. O primeiro deles é abençoar o mundo. No chamado de Deus a Abraão, isso ficou bastante claro: “Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e *você será uma bênção*. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e *por meio de você todos os povos da terra serão abençoados*” (Gn 12:2-3, grifo nosso). Nessa declaração, Deus afirma que Abraão seria uma bênção, mas para abençoar. Nisto se concentra a missão da igreja no mundo: ser uma bênção para abençoar as pessoas ao redor. No modelo do Antigo Testamento, esse propósito seria alcançado de maneira centrípeta, pois Israel seria a luz para as nações as quais viriam até Jerusalém para ser abençoadas pelo Deus verdadeiro. Apenas durante a primeira parte do reinado de Salomão ele foi parcialmente atingido. Logo em seguida, Israel se afastou de Deus, adorando ídolos e vivendo em total apostasia. Em vez de glorificar o nome de Deus com seu testemunho, a nação escolhida fez com que Seu nome fosse blasfemado entre as nações. Com a vinda de Cristo, o plano continuou o mesmo, porém dessa vez por meio da igreja a missão ocorreria de maneira centrífuga, partindo do centro para a periferia. Ela deveria sair para pregar o evangelho, fazendo discípulos de todas as nações.

Durante mais de dois mil anos de história, a igreja procurou obedecer à grande comissão, mas de diversas maneiras, experimentando altos e baixos, algumas vezes desviando-

se para uma compreensão distorcida ou incompleta da missão. Apesar disso, ela continua viva, e, conseqüentemente, também sua missão.

As bases teóricas da minha proposta comunitária estão relacionadas com a minha perspectiva do ministério de Cristo aqui na Terra. Essa compreensão pode ser fundamentada em algumas passagens bíblicas tais como: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré que andou por toda parte fazendo o bem” (At 10:38); “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4:23); “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18-19).

A partir dos evangelhos são encontrados os fundamentos bíblicos para uma proposta de transformação comunitária alinhada com o método de Cristo. Numa análise rápida dos textos acima citados pode-se apontar os seguintes pontos essenciais do ministério público de Cristo: 1) Jesus tinha em mente fazer o bem a todas as pessoas; 2) Jesus ia ao encontro das pessoas onde elas estivessem e aproveitava todas as oportunidades e circunstâncias para ministrar às suas necessidades; 3) Jesus exercia um ministério holístico que tinha três vertentes: pregação, ensino e cura; e 4) Jesus realizava sua missão na dependência do Espírito que o havia ungido para evangelizar os pobres, anunciar a libertação aos cativos e restauração da visão aos cegos e para pôr em liberdade os oprimidos.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

COSTAS, Orlando. **Christ Outside the Gate**: Mission beyond Christendom. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2005.

PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.

PIRAGINE JUNIOR, Pascoal. **Crescimento integral da Igreja**: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões. São Paulo: Vida, 2006.

SEGURA C., Harold. **Ser Iglesia en la “Era del Vacío”**. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 2011.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

FERNANDES, C. F. C. A missão da igreja como agente de transformação social. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 20, número 1, e-2182, 2024.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da Missão. São Paulo: Vida Nova, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.